

Introdução

Nas últimas três décadas, a literatura pertinente em bilingüismo e línguas em contato tem apresentado como um de seus pilares o estudo do *code-switching*¹, isto é, o uso alternado de dois ou mais códigos² por indivíduos bilíngües numa mesma interação conversacional. Os falantes monolíngües, em geral, comandam diversas variantes (registro, estilo) das línguas que falam e devem selecionar uma variante particular sempre que decidem iniciar uma conversa. Bilíngües, por sua vez, além de alternar entre variantes, podem alternar entre códigos ou mesmo misturá-los na interação, criando, deste modo, enunciados híbridos no processo denominado *code-switching*.

John Gumperz, um dos precursores do estudo do *code-switching* tal como ele é compreendido atualmente, define o fenômeno como “a justaposição dentro do mesmo fragmento de fala de passagens pertencentes a dois sistemas ou subsistemas gramaticais distintos”³ (Gumperz, 1982, p.59). Nos enunciados a seguir, vemos algumas ocorrências desta justaposição entre diferentes grupos de línguas:⁴

- (1) Português – *inglês* (Richardson, 2000, p.73):

Você não faz idéia *of how much make up the girls in my class wear to that*
Festa Junina.

(Você não faz idéia *de quanta maquiagem as garotas da minha sala usam*
para aquela Festa Junina.)

- (2) Inglês – *espanhol* (Sankoff & Poplack, 1981, p.5):

So you *todavía* haven't decided *lo que vas a hacer* next week.

(Então você *ainda* não decidiu *o que vai fazer* na semana que vem.)

¹ Neste trabalho, deu-se preferência ao uso da expressão em inglês para manter coerência com a literatura internacional. O termo será apresentado em itálico, hifenizado, exceto em citações nas quais este fenômeno se encontra escrito de maneira diferente (*code switching, codeswitching*).

² O dialeto ou língua utilizado por um indivíduo é tradicionalmente chamado de código na literatura em línguas em contato. Cf. seção 2.2.

³ As citações apresentadas no decorrer deste trabalho são minhas traduções livres, a não ser que haja alguma marcação do contrário.

⁴ Conforme convencionado na literatura, os limites do *code-switching* são marcados com o texto regular e em itálico e a tradução dos enunciados é apresentada em seguida, entre parênteses.

- (3) Italiano – *français* (Di Sciullo, Muysken & Singh, 1985, p.14):

E l'altro dice come *s'appelle*?

(E o outro disse como *se chama*?)

- (4) Espanhol – *français* (Dabène & Moore, 1995, p.36):

Yo mañana empiezo, me levanto a las siete de la mañana, *je suis malade rien que de le savoir*.

(Eu começo amanhã, me levanto às sete da manhã, *passo mal só de pensar nisso*.)

Acredita-se que toda comunidade de indivíduos bilíngües alterne ou misture códigos durante a comunicação (Romaine, 1989) e que o *code-switching* seja parte central do discurso bilíngüe (Appel & Muysken, 1987). “A utilização de diferentes línguas ou variedades lingüísticas no curso de uma mesma interação baseia-se em mecanismos internos à conversação observáveis em vários contextos sociais em todo o mundo”, como aponta Franceschini (1998, p.51). Este fenômeno pode ocorrer, por exemplo, em famílias imigrantes que se tornam bilíngües, em membros de comunidades compostas por falantes de uma minoria lingüística, ou por indivíduos de países em que se adota uma língua franca diferente de sua língua materna, entre outros. Na narrativa a seguir, podemos ver o quanto a alternância entre códigos faz parte da experiência bilíngüe:

- (5) Panjabi – *inglês* (Romaine, 1989, p.122):

I mean I'm guilty in that sense ke ziada wsi *English* i bolde fer ode nal eda hwnda ke twhadi jeri zəban, ε, na? Odec hər ik *sentence* ic je do tin *English* de word honde (...) *but I think that was wrong. I mean*, mə khəd cana mə ke, na, jədo panjabi bolda ε, *pure* panjabi bola wsi mix kərde rēne ā. *I mean, unconsciously, subconsciously*, kəri janeε, *you know*, pər *I wish, you know* ke mə *pure* panjabi bol səka.

(*Eu quero dizer que eu sou culpado também no sentido que nós falamos inglês mais e mais, e então o que acontece é que quando você fala sua própria língua, você coloca duas ou três palavras em inglês em cada sentença (...) mas eu acho que isso era errado. Quero dizer, eu mesmo gostaria de falar panjabi puro sempre que eu falo panjabi. Nós continuamos misturando. Quero dizer, inconscientemente, subconscientemente, nós continuamos fazendo, você sabe, mas eu gostaria, você sabe que eu poderia falar panjabi puro.*)

Uma breve análise lingüística da narrativa acima mostra como a mistura entre as duas línguas é intrincada e envolve fragmentos de diversos tipos (palavras, expressões, sintagmas e orações). Ainda, uma análise interpretativa revela uma visão estigmatizada em relação à alternância entre códigos. Em geral, as crenças populares acerca do *code-switching* e de outros fenômenos de línguas em contato são negativas, o que deu origem a termos pejorativos como *Spanglish*, *Franglais*, *Tex-Mex*, *Pocho*, *Portunhol*, *Finyafrancais*, entre muitos outros. No estágio inicial da pesquisa neste campo, mesmo as atitudes dos pesquisadores também o foram:

“O bilíngüe ideal alterna de uma língua para outra de acordo com mudanças apropriadas na situação (interlocutores, tópico, etc), mas não numa situação não modificada, e certamente não dentro de uma única sentença.”

(Weinreich, 1953, p.73)

Esta colocação de Weinreich tem claramente como pressuposto a existência do “bilíngüe imperfeito”, cuja competência nas línguas à sua disposição é imperfeita e não-ideal. Desse modo, o *code-switching* foi inicialmente visto como parte do desempenho lingüístico do bilíngüe imperfeito. Esta prática discursiva foi a princípio considerada pelos lingüistas um fenômeno aleatório, idiossincrático e desgovernado, em especial no que diz respeito ao *code-switching* intrasentencial, isto é, o uso alternado de dois códigos dentro dos limites de uma sentença (cf. seção 2.4.2 para esta tipologia do *code-switching*). Labov (1971, p.457) considerava o *code-switching* entre espanhol e inglês produzido por bilíngües porto-riquenhos em Nova York “uma mistura irregular das duas línguas” e afirmou que até então ninguém tinha sido capaz de mostrar que a alternância entre códigos fosse governada por quaisquer regras ou restrições sistemáticas. Lance (1975) também acreditava que não havia restrições sintáticas ao *code-switching*.

Contrariamente à visão destes pesquisadores, Gumperz (1982) argumentou que este fenômeno não é randômico e possui motivações estilísticas e metafóricas. A alternância entre códigos é utilizada para transmitir significados sutis, para mostrar identificação étnica ou cultural, para acomodar o ouvinte na interação, entre outras funções que serão apresentadas e discutidas no decorrer deste trabalho. Esta prática também indica sua dupla identidade étnico-cultural e é evidência da criatividade lingüística do falante.

A partir do trabalho de Gumperz, o movimento dos pesquisadores foi o de comprovar que este comportamento, apesar de complexo, é sistemático e está sujeito a restrições gramaticais. Atualmente, está cientificamente comprovado que este fenômeno não é randômico, tampouco resultado da falta de proficiência nas línguas ou dialetos envolvidos ou mesmo em articulá-los no discurso (cf. Bathia & Ritchie, 1996; Jacobson, 1998; Montes-Alcalá, 2001; Ritchie & Bathia, 2004, entre outros), uma vez que o enunciado híbrido resultante do *code-switching* possui motivações e funções sócio-pragmáticas e está sujeito a restrições gramaticais:

“O que parece estar envolvido aqui [no processo de *code-switching*] (...) é um processo simbólico semelhante àquele através do qual as palavras transmitem informação semântica.”

(Gumperz & Hernández-Chavez, 1970, p.300)

“A alternância entre códigos no discurso bilíngüe é mais que um fenômeno randômico ocorrendo agora em uma língua e depois em outra, mas sim, um mecanismo estruturado de seleção de duas ou mais línguas na construção de sentenças.”

(Jacobson, 1998, p 1)

Mais ainda, a alternância entre códigos tem sido considerada por diversos pesquisadores como uma característica do nível elevado de competência bilíngüe. Quanto maior a proficiência do falante bilíngüe, mais capaz ele se torna de realizar *code-switching* do tipo que envolve maior risco sintático, sem, no entanto, violar as regras gramaticais das línguas envolvidas. Como veremos adiante, Poplack (1980) mostrou que o tipo mais freqüente de alternância entre códigos entre bilíngües com dominância em uma das línguas é do tipo *tag-switching*, que envolve poucas restrições sintáticas, enquanto falantes com alto grau de habilidade bilíngüe produzem com maior freqüência *code-switching intrasentencial*, que apresenta maior risco sintático. Zentella (1997) e Montes-Alcalá (2001) também verificaram maior freqüência de *code-switching intersentencial* entre falantes com menor habilidade bilíngüe, e de *code-switching intrasentencial* entre falantes com maior habilidade bilíngüe.

1.1.

Delimitação do tema

O estudo do *code-switching* em diversas línguas tem obtido interesse crescente nas últimas três décadas. Duas abordagens principais, que se voltam a explicações para este fenômeno em níveis diferentes, prevalecem: discursivo-pragmática e sintático-gramatical. Enquanto a primeira se volta aos aspectos sócio-pragmáticos da produção bilíngüe, através da categorização, quantificação e análise das funções pragmáticas e motivações sócio-psicológicas subjacentes ao *code-switching*, a segunda busca formular restrições formais e padrões de ocorrência universais para esta prática discursiva, em particular ao *code-switching* intrasentencial.

“A pergunta de pesquisa central do primeiro tipo de pesquisa é como a escolha lingüística reflete poder e desigualdade, ou é um índice de ‘direitos e obrigações’ atribuídos aos incumbentes de certas categorias sociais. A segunda tradição geralmente diz respeito à questão das restrições sintáticas dentro do panorama de uma determinada teoria gramatical.”

(Auer, 1998, p.3)

Ainda, estudos em aquisição de segunda língua também têm voltado seu foco para o *code-switching*. Entretanto, sob esta abordagem, esta prática é vista como uma estratégia comunicativa que envolve o uso consciente de material não adaptado da língua materna num contexto de segunda língua. Portanto, o estudo do *code-switching* sob a ótica da pesquisa em aquisição de segunda língua entende este fenômeno de maneira diferente daquela da pesquisa em bilingüismo. Enquanto a primeira trata esta prática como a produção de uma ou mais línguas alternadamente, muitas vezes confundindo-o com o fenômeno conhecido na literatura como interferência lingüística; a literatura em bilingüismo considera o *code-switching* uma marca da proficiência bilíngüe (cf. seção 2.5.3 para o conceito de interferência lingüística)⁵.

⁵ Por estas razões, a análise do *code-switching* sob o olhar dos estudos em aquisição de segunda língua não será discutida neste trabalho.

1.2.

Objetivos e justificativa

Este trabalho tem como objetivo a apresentação estruturada dos diferentes panoramas teóricos relacionados ao *code-switching* na literatura internacional sobre línguas em contato, uma vez que a pesquisa sobre este fenômeno é ainda incipiente no Brasil e a academia brasileira tem pouco acesso à literatura nesta área. De fato, há alguma produção em *code-switching* no Brasil, mas sua totalidade se concentra na abordagem sócio-pragmática de análise do discurso bilíngüe (Borstel, 1992, 1999; Moura, 1996; Richardson, 2000; Auler, 2002; Mozzillo, 2002; Marinho, 2003), ou nos estudos de aquisição de segunda língua (Muñoz, 1990; Pires, 1999; Scarpa & Pires, 2000; Sousa, 2000). O único trabalho brasileiro de abordagem sintático-gramatical encontra-se hoje datado, por inserir-se num estágio ultrapassado do desenvolvimento da teoria gerativa (Ribeiro, 1996).

Ainda, os trabalhos internacionais sobre o *code-switching* citam-se mutuamente, recorrendo, em sua maioria, às mesmas referências e exemplos, fazendo com que a distinção entre novos dados e abordagens de pesquisa e análises datadas seja tênue e, portanto, difícil de identificar. Pretende-se então, nesta dissertação, oferecer ao pesquisador brasileiro voltado ao estudo de línguas em contato uma sistematização e avaliação bibliográfica da literatura internacional em *code-switching* através da apresentação e caracterização das diferentes linhas de pesquisa, ressaltando as obras de referência e os caminhos apontados por cada abordagem.

1.3.

Organização do trabalho

Esta pesquisa tem o seguinte movimento: Após esta breve apresentação inicial, o segundo capítulo, intitulado *Línguas em Contato: Definições e Terminologias*, busca esclarecer a nomenclatura muitas vezes divergente acerca dos fenômenos de línguas em contato, dando ênfase à distinção entre estes e o *code-switching*. Apresentamos as diferentes definições de bilingüismo

encontradas na literatura, bem como o conceito de bilinguagem (Hamers & Blanc, 1989; Savedra & Heye, 1995). Ainda, definimos código, noção essencial na discussão sobre o *code-switching*, e apontamos os fatores envolvidos na escolha lingüística do indivíduo bilíngüe. Em seguida, definimos *code-switching*, distinguindo-o de outros fenômenos de línguas em contato, como *code-mixing*, empréstimos e interferência.

No terceiro capítulo, intitulado *A Pré-História do Code-Switching*, mostramos que a expressão *code-switching*, utilizada pela primeira vez na década de 50, é proveniente da expressão *switching code*, dos estudos da Teoria da Informação. Ainda, relatamos dois tipos de estudos anteriores a 1950 que, apesar de não utilizarem este termo e de terem sido ignorados pela literatura sobre o *code-switching*, podem ser considerados os pioneiros na análise da alternância entre códigos; a saber: estudos lingüístico-antropológicos e diários de crianças bilíngües.

No quarto capítulo, intitulado *Abordagens Sócio-Pragmáticas ao Code-Switching*, buscamos sistematizar as principais propostas de análise das funções a que a alternância entre códigos serve no discurso. Mostramos que o estudo das funções do *code-switching* se iniciou com Gumperz (1982) e delineamos a evolução das abordagens de exaustivas listas tipológicas para abordagens que analisam o *code-switching* como um fenômeno interacionalmente significativo.

No quinto capítulo, intitulado *Abordagens Gramaticais ao Code-Switching*, delineamos brevemente os primeiros estudos sobre a gramaticalidade do *code-switching*, conduzidos ainda na década de 70, bem como os principais modelos gramaticais elaborados para dar conta das restrições sintáticas a este fenômeno. Por fim, apresentamos a abordagem teórica de Myers-Scotton (1993b) a abordagem minimalista a este fenômeno proposta por MacSwan (1999, 2000).

No último capítulo, intitulado *Considerações Finais*, retomamos os capítulos anteriores, em especial os que se voltam às abordagens sócio-pragmática e sintático-gramatical de pesquisa do *code-switching*, e consideramos alguns dos possíveis caminhos para a pesquisa nesta área.